

DN 20.2.49

# Ainda o caboclo Bernardo

1202

RUBEM BRAGA

Contei em outra cronica o duro e teimoso heroismo, com que o caboclo Bernardo conseguiu levar a salvacao aos naufragos do cruzador Imperial Marinheiro, junto a barra do rio Doce, em 7 de setembro de 1887. O livro escrito a respeito pelo sr. Norbertino Bahiense, do Instituto Historico e Geografico do Espirito Santo, vem, com uma grande copia de documentacao fazer justica a esse heroi esquecido de minha terra.

Nem a Marinha nem o Governo Imperial foram insensiveis, na epoca, ao valor do feito. O caboclo Bernardo foi trazido ao Rio e aqui recebeu, juntamente com o mestre Joao Roque da Silva e o cabo Manuel Ferreira da Silva, os dois homens da tripulacao que mais energia e coragem mostraram em salvar os outros, a Medalha Humanitaria de 1.ª Classe. O caboclo Bernardo foi levado ao Paço Imperial pelo capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça e pelo primeiro-tenente Artur Indio do Brasil (que, ambos, chegaram ao almirantado), e chamado pelo conde D'Eu, recebeu das mãos da princesa imperial regente o premio de seu heroismo.

Contou-me um velho habitante do rio Doce que na Corte perguntaram ao caboclo o que ele queria mais para si. O caboclo Bernardo disse que para si não queria nada, mas pediu a nomeação de seu velho pai, o caboclo Manduca para o posto vago de pratico da barra do rio Doce; e depois de todas as honras que recebeu no Rio e em Vitoria, voltou para o remo da catraia onde ajudava o seu velho. Rejeitou um bom posto na Capitania dos Portos, em Vitoria, pois não queria sair de Regencia.

Alguem o viu ali aos 47 anos de idade "descalço, andrajoso e esquecido". A bela medalha de ouro mandada cunhar especialmente para celebrar seu feito, ele, com toda certeza, a vendeu.

Não creio — nem o velho Meireles, que o conheceu bem — que o caboclo Bernardo fosse infeliz por andar "descalço, andrajoso e esquecido". Era casado, e vivia sua vida, "muito respeitado aqui, pois era um sujeito mesmo muito bom e muito direito".

Aos 55 anos de idade foi assassinado a tiros de garrucha por um outro caboclo chamado Lionel, que estava cheio de cachaca. Lionel, que cumpriu pena até 1920, quando foi indultado, e só morreu em 1946, nunca explicou seu crime, de que dizia estar muito arrependido, senão pela cachaca...

E o caboclo Bernardo ficou quase completamente esquecido durante muitos anos. Só agora sua memoria começa a ser lembrada; seu nome foi dado a uma pequena rua de Vitoria (a Associação Comercial, com uma tola e impressionante mesquinhez, opôs-se à proposta do Rotari Clube para que esse nome ficasse no lugar do inexpressivo Rua do Comercio) e a uma rua central de Linhares.

Por que não dar o nome de caboclo Bernardo à prospera povoação, que não tem outro nome, e é tão vizinha de Regencia? Esperemos que um dia tambem se volte a lembrar dele a Marinha de Guerra, que na sua rude figura encontrará um bom simbolo para o pescador, o embarcadiço, o caboclo de praia que, na hora má, é sempre o amigo certo e irmão do marinheiro.

20.2.49

RN 406 e 407

Livros: "Cronicas do ES" e  
"As boas..."